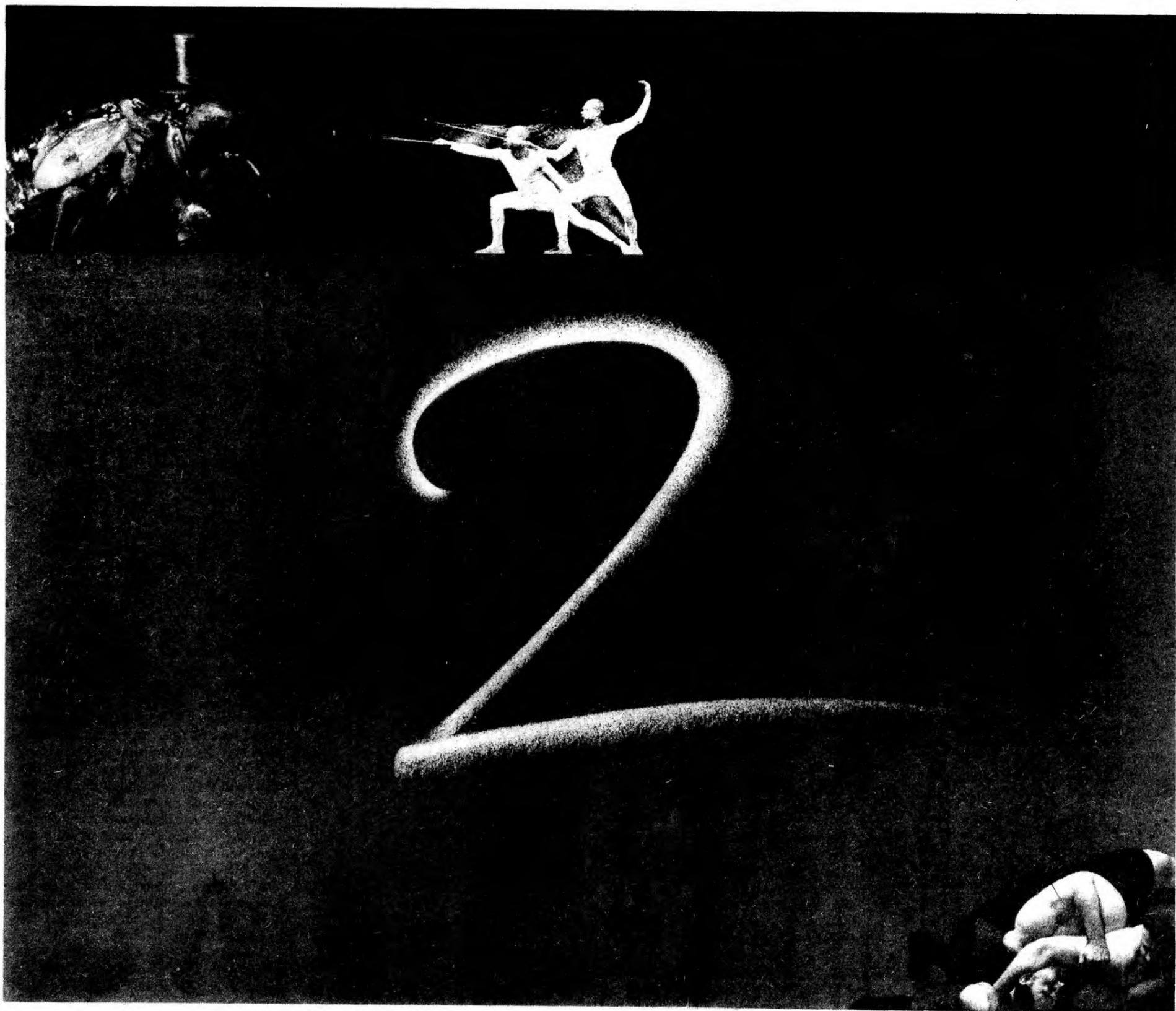


AL

jornal de letras, artes e ideias

Ano I n.º 2 De 17 a 30 de Março de 1981 Preço 25\$00 Quinzenalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos



MIGUEL TORGA, o último «bicho» de S. Martinho de Anta. Um poema inédito ■ **BÉLA BARTÓK** evocado no centenário. Páginas autobiográficas e um texto de **JOÃO DE FREITAS BRANCO** ■ O diário desconhecido de uma freira do séc. XVII, apresentado por **JOÃO PALMA-FERREIRA** ■ **FERNANDO PESSOA** visto por **JACINTO DO PRADO COELHO**. Inéditos de «O Livro do Desassossego» ■ **ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA** e os mitos e contra-mitos da cultura portuguesa ■ **MARIA VELHO DA COSTA** — O mapa cor-de-rosa ■ Ilustrações de **JOÃO ABEL MANTA**



Escrever que o lançamento do «JL» constituiu um êxito total, ultrapassando as mais optimistas expectativas, poderá ser um lugar comum. Que, porém, na circunstância, somos forçados a utilizar. Com a exacta consciência que se ele neste caso não for perfeitamente exacto, será apenas por ficar aquém do que na realidade se passou com o n.º 1 do nosso «jornal de letras, artes e ideias».

De facto, em pouco mais de 48 horas, o «JL» esgotou-se praticamente em todo o País. E, desaparecidos os 30 mil exemplares postos à venda, vimo-nos (e viu-se a nossa distribuidora) impossibilitados de satisfazer os múltiplos pedidos que de várias procedências nos chegaram.

Assim, e como única forma de poder corresponder ao interesse de muitos que desejavam ter o «JL» desde o n.º 1, e não o conseguiram, decidimos reimprimi-lo. Foram tirados, pois, mais alguns milhares de exemplares, postos à venda simultaneamente com este n.º 2, de que se fez já uma tiragem de 40 mil.

Tal acolhimento do público constitui, naturalmente, a maior compensação e o melhor estímulo para o nosso trabalho. Mas, compensação e estímulo foram também as numerosas, e por vezes cativantes, manifestações de apoio e apreço que recebemos; assim como as críticas, as sugestões e ofertas de colaboração que de variadas procedências nos chegaram.

A todos agradecemos. Aproveitando ainda para, entre parêntesis, pedir desculpa pela verdadeira impossibilidade de responder a todos aqueles que tiveram a amabilidade de se nos dirigir, mormente oferecendo a sua colaboração ou enviando textos de sua autoria. De facto, o volume da correspondência recebida torna o nosso desejo de o fazer irrealizável.

E aproveitamos para sublinhar que — salvo qualquer hipótese, caso entendamos que tal se justifica, de reunir mais tarde, em páginas especiais, esses textos, mormente de jovens —, em princípio não publicamos sequer poesia ou ficção, excepto inéditos dos autores a que no próprio «JL» se dediquem ao mesmo tempo outras matérias, como aconteceu no 1.º número com Jorge de Sena e Vergílio Ferreira, e neste com Miguel Torga e Fernando Pessoa.

Finalmente, apenas algumas palavras sobre as duas primeiras edições do «JL». Pensamos que elas dão já uma ideia do que somos e queremos. A sua qualidade, em geral, e nos vários ângulos sob que se pode encarar um jornal como este, aqui ou ali **matizado** até com certas características de revista, foi unanimemente salientada por aqueles que se nos dirigiram. Inclusive, muitos puseram em relevo o seu aspecto gráfico e as ilustrações do grande artista que é João Abel Manta.

Mas, apesar do «JL» ter aparecido já com uma **maturidade** que, sem imodéstia, julgamos poder-se classificar de rara nos primeiros números de publicações periódicas, a verdade é haver ainda bastante que fazer e **afinar**, mesmo (ou sobretudo) jornalisticamente, no nosso quinzenário de cultura. Fundamentalmente, pretendemos: ampliar e melhorar a área da actualidade, ao nível do noticiário, reportagem, etc; diversificar os temas tratados, para que se cumpra na mais larga extensão possível o nosso projecto de «jornal de letras, artes e ideias»; concretizar a intenção de compatibilizar a qualidade com a acessibilidade, lutando — até com alguns dos colaboradores com que se torne necessário fazê-lo — para que os textos sejam cada vez mais claros e se possível mesmo atraentes.

Miguel Torga que recebeu, no passado dia 10, na Fundação Gulbenkian, o Prémio Montaigne, é revisitado pelo «J.L.»: Rogério Rodrigues esteve em S. Martinho de Anta onde fez uma viagem ao universo íntimo do poeta; Vasco da Graça Moura faz uma leitura do conjunto da «Criação do Mundo»; Carlos Reis, por sua vez, traça a propósito do «Sexto Dia», acabado de sair, as linhas da perenidade da escrita em Torga. E, facto invulgar, publica-se ainda um poema inédito de Torga, cedido pelo autor.

Torga, o último "bicho" de S. Martinho de Anta

Rogério Rodrigues

Como é que falhou o tiro, doutor? «Estava-se-me a desenrolar um poema.» O diálogo é retomado, muitos anos depois, pelo padre Avelino da Silva, que não compreendia a perdiz em liberdade nem a paixão da caça tão subitamente suspensa por Miguel Torga.

Este tinha acabado de envasilhar um poema que consumira anos a fermentar, vinho tratado das quintas do Douro, ou bacelo enxertado por mão de ourives na cortinha que seu pai, homem «sisudo e obstinado», lhe deixara de herança na hora do passamento.

Vem no **Diário**, IX (p. 91), o poema; não tem data (dos poucos que não é datado); e foi gratificado com o título de um dos seus montes mais íntimos — S. Leonardo de Galafura. É o seu poema. O que declama aos amigos. Custou-lhe uma perdiz.

Numa tarde de Carnaval percorro, num tempo de chuvisco e folia envergonhada, abruptamente cortado pelo estrondo de um foguete, as estradas sinuosas que vão dar a S. Martinho de Anta, a Agarez do disfarce ténue, entre o Génesis e o Eclesiastes, de Miguel Torga.

O padre Avelino da Silva está no largo da aldeia, a escassos metros do negrilho decepado, 200 anos de sombra e santuário pagão de um quotidiano sem história. A seu lado, lentos e distantes, dois cães perdidieiros.

«São da melhor raça. Ainda um dia destes mandei três da ninhada para o Miguel Torga oferecer a amigos de Coimbra.» O padre Avelino, que caçou pela primeira vez com Miguel Torga em 1940 (desde então são anos quase ininterruptos de paixão partilhada entre os dois, o que fez deles andarilhos impenitentes de montes altivos e imóveis), fará comigo uma parte do itinerário, sentimental sempre, dos deuses escondidos nas escarpas, das personagens de Torga que obsessivamente repetem a paisagem e dela participam, mas numa dependência que as torna partes de um todo que não morre e

tenta desesperadamente resistir às transformações.

Infância bíblica

O padre Avelino da Silva recebeu-me em sua casa de umbral encimado pela data de 1581. Tem 67 anos de pé calhado ao monte. Rijo, sem grandes necessidades



Torga, poeta ibérico, de boina basca

intelectuais que não a leitura da obra de Torga, comprada religiosamente. Não tem nenhum livro oferecido pelo autor. Faz questão de honra em comprá-los numa livraria de Vila Real, diz-me. Fala-me da alergia do poeta aos autógrafos que ele (Torga) considera uma forma de exploração do criador.

Pede-me que observe o negrilho. Cortaram-lhe um braço que pesava no telhado de uma casa, palheiro em tempos idos — um metro e noventa por noventa centímetros a menos de vida. Torga protestou. Torga insurge-se contra a cor berrante das novas casas dos emigrantes que vão maculando a paisagem.

A sua infância é adulterada.

O padre conduz-me ao «escritório» sagrado do Poeta: Nossa Senhora da Azinheira, Senhora da Agonia na ficção, num pequeno monte, limpo de ver, robuscificado pelas torgas que partem mas não vergam, são duras ao tacto e na Primavera florescem.

E donde vem o «Miguel» de Adolfo Coelho da Rocha?

De Unamuno (Miguel) na convicção do pároco de 1200 almas de um rebanho indiferente, pelo menos nas aparências, à poesia. Ao longe vejo o fontanário do «leproso» e recordo-me, frente à pequena capela, da ceia do Natal, em lajes frias, do homem que a tempestade impediu chegasse à aldeia.

O percurso do artista quando criança regista-se: nasceu de pai pobre que vivia da jeira e que foi amealhando, amealhando, até construir a casa que ainda hoje existe, renovada na cor e fechada à espera do poeta. O pai comprou algumas courelas e plantou árvores. Torga tudo herdou. Não vendeu um torrão de terra nem lançou o machado a uma árvore por mais velha que vegete. Plantou novas, perfilou a vinha e viu crescer árvores de fruto. Em frente ainda existe o rebento do velho loureiro, pouso do melro despertador.

A velha irmã concorda com a cabeça. Ali cantava o melro. Estamos na estrada, numa das saídas da aldeia, frente à casa de Miguel Torga.

A irmã, olho fino e desconfiado, é depositária de uma lhaneza que não cabe à posteridade. O irmão escreve-lhe com muita frequência. Quando demora, ela endereça-lhe um raspanete. E o irmão



Director
José Carlos de Vasconcelos

Coordenadores
Augusto Abelaira, Eduardo Prado Coelho e Fernando Assis Pacheco

Orientação artística e ilustrações
João Abel Manta

Gratismo
João Segurado, José Pinto Nogueira e Joaquim de Brito

Colaboram neste número

Adelino Cardoso, Ademar Ferreira dos Santos, António José Saralva, Carlos Reis, Fernando Dacosta, Francisco Vale, Gullherme Ismael, Irineu Garcia, Jacinto do Prado Coelho, João de Freitas Branco, João Mário Grilo, João Palma Ferreira, João Rui de Sousa, José Duarte, José Gabriel Pereira Bastos, José Manuel Sobral, José Sesinando, José Vaz Pereira, M.A. Pina, Maria João Brilhante, Maria Velho da Costa, Mário Jorge Torres, Miguel Esteves Cardoso, Miguel Serras Pereira, Miguel Torga, Nelson Di Maggio, Nuno Júdice, Rogério Rodrigues, Rui Mário Gonçalves, Serras Gago, Sílvia Chicó, Varela Pécurto, Vasco Graça Moura e Xavier Domingo.

Fotografia
Joaquim Lobo e Inácio Ludgero

Redacção: Av. da Liberdade, 232 — r/c — 1200 Lisboa. Telefones: 57 45 20 / 57 45 93 / 57 46 43. Telex: 18386.

Propriedade: José Carlos de Vasconcelos

Administração, Publicidade, Serviços Administrativos e Comerciais — Publicações Pró-jornal, Ld.ª — Rua Rodrigues Sampaio, 52, 2.º — 1000 Lisboa. Telefones: 404 37 / 412 60 / 53 60 05.

Direcção de Administração: António Gomes da Costa, Henrique Segurado Pavão e José Silva Pinto.

Composto na Intergráfica — Publicidade e Artes Gráficas, Limitada. Impresso na E.P.D.P. (Empresa Pública do Jornal «Diário Popular»).

Distribuição: Dijornal — Distribuidora de Livros e Periódicos, Limitada. Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2.º direito — 1000 Lisboa. Telefones: 65 73 50 / 65 74 50.

Boletim de assinaturas — pág. 31

responde-lhe: **muito trabalho. Acabei o Sexto Dia da Criação do Mundo. Mas no dia 10 (de Março) vou receber um prémio a Lisboa. A televisão está lá.**

São estas as palavras da velha irmã de Torga no crepúsculo sujo pela névoa. Tem ordens para queimar as cartas que o irmão lhe escreve. Como é que ele era quando novo? «Oh! Muito namorado!». A malícia é ancestral e o sorriso interiorizado.

O padre Avelino escuta-nos. Fora ele que, após uma curta palestra, conseguira que a velha senhora chegasse à fala comigo. O padre descobre três marcos, os exactos sinais da quilometragem criadora de Torga: o professor primário, a Bíblia e o breve emprego do Porto.

Um por um: o professor Botelho descobriu-lhe a inteligência, aconselhou ao pai que o enviasse para estudos até à cidade. Nada. Não havia dinheiro para estudos. Torga seguiu para o seminário de Lamego. Ao recordar as primeiras férias, cheirando a Deus e ajudando à missa, Torga escreve do seu mestre:

«A despedida, estendeu-me a grossa mão das palmatoadas. Parecia incrível, mas não havia dúvida: era mesmo a mão do senhor Botelho a querer apertar a minha. Quando a fechou, cuidei que me ia estalar os ossos. Qual o quê! Branda e quente, tentava apenas secundar por pequenos abanões a efusão do remate oratório.»

Depois (o seminário foi túnel de curta viagem) Miguel Torga regressa à aldeia. Enquanto não descobre ou lhe é inventado um futuro, passa as noites de Inverno a ler em voz alta a Bíblia para as mulheres que trabalham a lã numa loja de vacas para maior aconchego e calor.

Seguiu para o Brasil, para a fazenda de um tio. Os seus dias de emigrante foram um «engenho» de revolta. Regressou. Um tempo adolescente, este o citado, cresce na **Criação do Mundo. Os Dois Primeiros Dias.**

Poeta-perdigreiro

O caçador de elite é o caçador de perdiz. Seriam horas sobre horas a falar de caça. O padre Avelino disse uma vez ao pai: «Eu hei-de ir para o monte de muletas.» Também o pai de Torga se obstinava em que o filho deixasse a espingarda, a cartucheira e a caneta e transportasse consigo, permanentemente, como amuleto de promoção social, o bisturi. Insistia o

pai de Torga: «A vida de caçador é vida de ladrão.» O padre não resiste a levar-me aos grandes sítios, libertados pela caça — vamos ao monte de S. Domingos donde tudo se avista. Torga garante que consegue ver Lamego. Chama-lhe o seu Tabor. Antes de uma operação perigosa a que foi submetido, conta-me o padre Avelino, Torga subiu ao monte. Confessou-lhe mais tarde que não conseguiria fazer poemas se aquele monte deixasse de existir. Quando subi ao Tabor de Torga estava um nevoeiro quase cerrado. Vimos o rodado de carros. «Devem ser caçarretas.» Era evidente o desprezo do padre pelos novos caçadores, que perderam a paixão pela caça.

Mas não eram caçarretas: simplesmente dois pares de namorados aconchegados num carro só, na solidão total daquele Tabor. Fomos ainda à «Queda», lugar de escarpas feito, polvilhado de moinhos. O caçador Alberto, a alma ideal de Torga na **Vindima**, matou-se naqueles penhascos; na «Queda», um padre serviu de parteira. Por ali farejou caça o Nero (**Bichos**), o primeiro cão de Torga que se chamava Dick.

Torga é um bom batedor de perdiz. «Entregava-se todo a uma caçada como se

fosse para a realização dum poema.» Torga tinha «cancha» larga em corpo desengonçado: «Não era muito certo no tiro mas era espectacular.» Em linguagem de caçador — e o padre liberta-se do brevíario quando fala de caça e dos grandes espaços que percorreram juntos durante quarenta anos — Torga é o que investe com os companheiros, o que comenta apaixonadamente a perdiz perdida ou a tombada. É o que dinamiza. Comiam frugalmente. Levantava-se logo deitando aos companheiros o provérbio que lhe é querido: «Ovelha manca não tem sesta».

Hoje é tudo um pouco diferente. Já se deslocam de carro, o corpo já não corresponde à paixão e proliferam os caçarretas. O padre Avelino fala nostálgico da primeira vez que foi à caça com os seis cartuchos que disparou escondidos na sotaína. A última vez que caçaram juntos foi há três anos no termo do Fiolhoso (Murça). O único que conseguiu matar perdiz foi Miguel Torga.

«Esta até parece das antigas», gaba-lhe o padre a presa. «Perdizes eram as do nosso tempo», comenta Torga. «Veja lá se é real.» Torga matara, confirma o padre, um perdigão real.

Depois de longos anos de solidão com-

partilhada, este ano já não abriram juntos a caça. O padre pela primeira vez na vida não foi caçar.

Há melancolia. «Tenho 67 anos», confessa-me de novo. Torga não veio.

Os novos corredores do tempo

«A gente nova não procura Torga, que no entanto se abriu muito desde que recebeu o Prémio Internacional.» O padre Avelino fala mais do passado que do presente. Cuida agora da sua japoneira («nunca ma deite abaixo», pediu-lhe o poeta uma vez) e dos rododendros, e treina garotos, a quem paga como se fossem adultos, na arte da poda. «Eu fiz escola», orgulha-se o padre. É ele o responsável pelas árvores de Torga. Na cortinha da casa correm perus. E mesmo à beira da porta, numa árvore nova, um melro fez o ninho.

Mas os jovens... «Não quer ver? O poeta ofereceu 60 volumes para a Associação da terra. Pois já lá não existe nenhum.» Torga chega hoje a S. Martinho de Anta e a sua capacidade é grande para se integrar no meio rural. Fala com o Zé Ferreiro, tem as mesmas expressões e desconfianças de qualquer camponês, «é muito económico», reconhece-me o padre, e se alguém o vir na aldeia não o distingue de quem de lá nunca tivesse saído a não ser para a feira da vila mais próxima.

Mas a juventude... O padre perde-se no tempo. Os valores são outros. Torga é como aquelas pedras, o padre vê-se sempre como um aldeão que às vezes vive em Coimbra.

Torga chegou ao sexto dia da criação. No Génesis, Capítulo II, versículo 2, lê-se: «E acabou Deus no sétimo dia a obra que tinha feito; e descansou no sétimo dia de toda a obra que fizera.»

Torga não o crê. Escrevia ele há alguns anos: «E dou comigo em plena heresia, a duvidar da sinceridade do autor do Génesis. Nenhum criador verdadeiro, mesmo que seja Deus, descansa no sétimo dia...»

No dia 10 de Março recebeu «em pânico» o Prémio Montaigne. Vai fazer 74 anos. Numa meditação, datada de S. Martinho de Anta, de um dos seus múltiplos aniversários, desabafa: «Que paz, figurar no livro dos assentos de qualquer localidade do Mundo! Aos 12 do mês de Agosto de 1907, nasceu... E pronto.» ■

Um poema inédito

Depoimento

De seguro,
Posso apenas dizer que havia um muro
E que foi contra ele que arremeti
A vida inteira.
Não, nunca o contornei.
Nunca tentei
Ultrapassá-lo de qualquer maneira.

A honra era lutar
Sem esperança de vencer.
E lutei ferozmente noite e dia,
Apesar de saber
Que quanto mais lutava mais perdia
E mais funda sentia
A dor de me perder.

Miguel Torga

Miguel Torga: a "guerra" dos seis dias

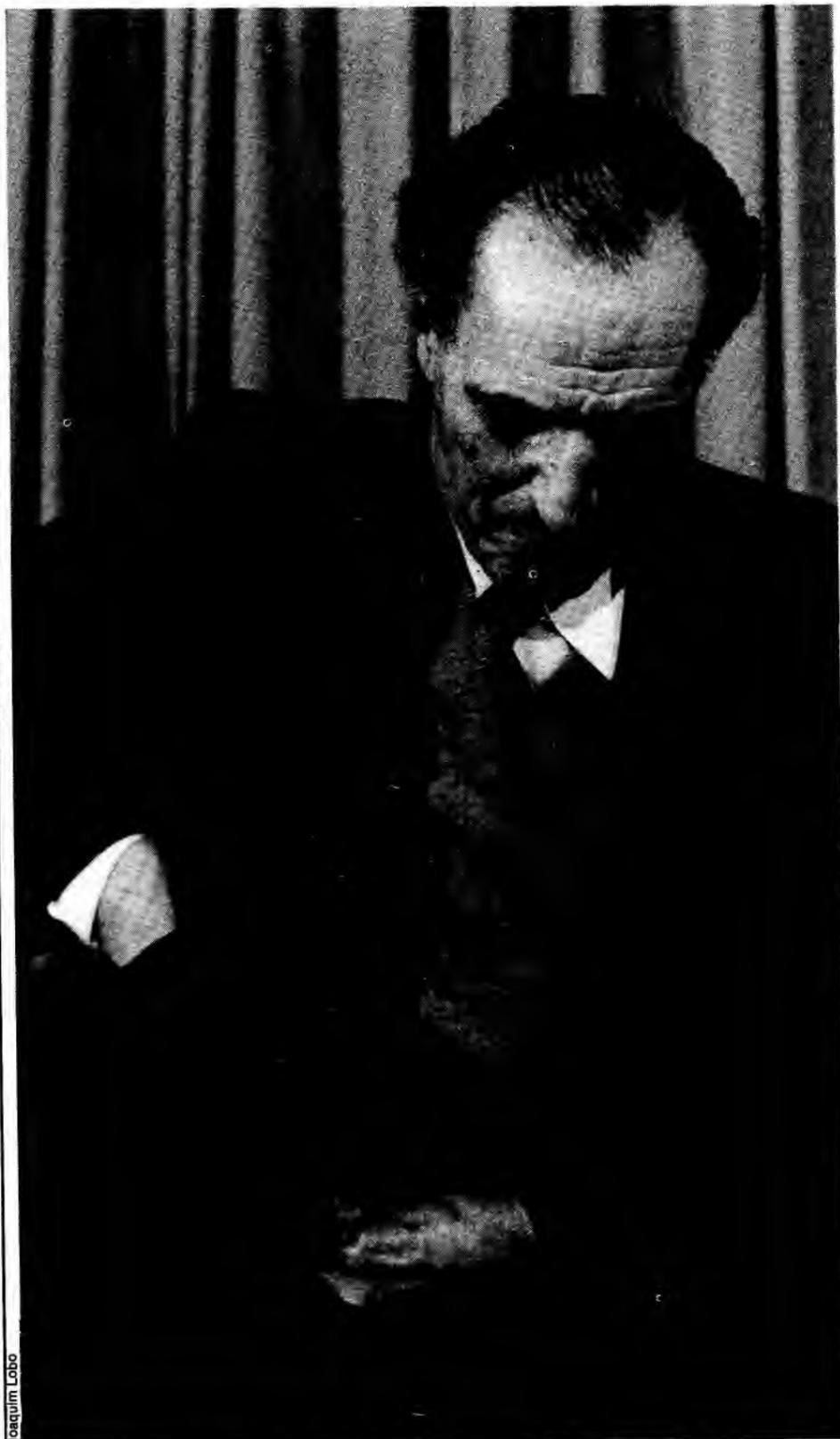
Vasco Graça Moura

Disse-se durante muito tempo que os dois primeiros dias de *A Criação do Mundo* eram a parte literalmente mais importante da autobiografia de Torga. Salvava-se ainda metade do terceiro dia, mais ou menos, mas reduzia-se o quarto a uma série de meras impressões de viagem pela Europa de 37 e o quinto a um relato da prisão. Ainda em 1977 estas posições vêm encontrar eco no ensaio de Clara Crabbé Rocha, *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*, que procura explicar a dificuldade do leitor em aderir à obra a partir dos terceiro e quarto dias por neles **se introduzir a crónica histórica e social, a expressão duma ideologia política e estética, o ensaio comentativo e até o autorretrato no seio da narrativa autobiográfica.**

Não estou inteiramente de acordo com estas razões, e há ainda uma outra, bem mais simples, a ser encontrada antes de mais na própria publicação intervalada das várias partes e na conclusão tardia da obra (falo em **conclusão** por interpretação do último parágrafo do **Sexto dia**). Podia supor-se abandonado o projecto: o **Diário** parecia colmatar as soluções de continuidade na publicação de *A Criação do Mundo*, nos 11 volumes que dele surgem entre 1941 e 1973. Mas há ainda outras razões para a diferente adesão dos leitores: pela sua própria matéria, os dois dias funcionam como **um todo** autónomo, que até pode ser tratado como pura e simples ficção romanesca narrada na primeira pessoa. Neles perfaz-se o ciclo da infância e adolescência, cujo termo vem a sentir-se como uma pausa natural.

Acontece que os terceiro a quinto dias, por mais fragmentariamente organizados e focando planos descontínuos da realidade evolutiva do autor, do seu mundo, e do mundo, não podiam, até agora, ser integrados naquele todo, a que eram exteriores, nem noutro. Quem os abordasse, procurando reconduzi-los à subunidade constituída pelo primeiro volume, encontrava neles referências e prolongamentos, mas não o mesmo tipo de unidade literária, ou de perspectiva (precisamente, referindo-se ao momento-chave de contemplação e redacção dos vários dias, Clara Crabbé Rocha aventa a hipótese de ser a dificuldade em determiná-lo, quanto ao **Sexto dia**, **uma das razões que têm atrasado a composição dessa fase autobiográfica**). Pensados como momentos, ou andamentos, de uma dada progressão narrativa, mas ainda **pendente** por inclusão, podiam parecer mais frouxos ou dispersivos face à coesão própria, acabada e cíclica-em-si dos dois primeiros dias. Sobretudo dois relatos, aparentemente avulsos, como o da viagem à Europa e o da prisão, a esgotarem todo o quarto e grande parte do quinto dias, dificilmente transcenderiam então os limites respectivos para se integrarem numa arquitectura a que ainda faltavam peças.

Ora não se terá atentado em que a estratégia do autor, ao elaborar os três dias seguintes, tinha de ser muito diferente da que ele seguira quanto aos dois primeiros. Desde logo pela própria natureza do propósito de uma autobiografia projectiva: estilisticamente, porque a transição para a idade adulta, acompanhada do aprofundamento da subjectividade e do desenvolvimento da capacidade de pensamento abstracto do herói, implica a captação da sua relação com o mundo e consigo mesmo em termos de uma diferente plasticidade verbal, e de diferentes tempos e ritmos narrativos; estruturalmente por duas outras razões: o autor



Num auditório da Fundação Gulbenkian, Miguel Torga recebeu o Prémio Montaigne. «Em pânico», confessaria o poeta, que na foto se vê à procura do texto que leu durante a sessão

procura restituir a imagem e a vida da personagem por referência ao que entende por momentos significativos delas numa dada economia da narração, e não pela minúcia diarista ou memorialista que nem no **Diário** observa; a partir de certa altura, podemos dizer, simplificando muito, que **o momento em que ele escreve quase coincide com aquilo que descreve.**

Procuramos colocar-nos, **grosso modo**, na sua posição: vai narrar, **com preocupações e intenções de criação artística**, a trajectória de fundo **autobiográfico** de uma personagem em relação à qual tem de tomar em conta a probabilidade de evolução de situações ainda não encerradas (há uma grande carga do presente) e uma sequência futura ainda desconhecida.

De um tempo de espaços a um espaço de tempo

Isto parece-me claríssimo no caso do quarto dia (1.ª ed. 1939 sobre uma viagem iniciada em fins de 1937): a maneira como a escrita **flutua**, deriva, organiza e enlaça peripécias, paisagens, slogans,

impressões, encontros, experiências, coordenadas culturais, **epifanias**, no mundo agónico da guerra de Espanha e na antevéspera da segunda grande guerra, contrapondo a tudo isso a consciência de **uma** condição portuguesa, situando a unidade do **eu** face a toda a dispersão atravessada, era a melhor possibilidade estilística, escritural e **moderna** de assegurar um **trânsito** para o que viessem a ser os futuros momentos autobiográficos, a partir, como diria Lacan, do **futur antérieur de ce que j'aurai été pour ce que je suis en train de devenir.**

Quer dizer: lamento não estar de acordo com as pessoas que acham que Miguel Torga é «menos bom» quando não podem chamar-lhe comodamente **telúrico, rural**, ou coisa assim... A leitura dos quarto e quinto dias mostrará como, à sua maneira, os respectivos volumes encontram também uma própria autonomia, embora de outro tipo, na sua escrita de tomada de consciência e de revolta. E até raras serão as descrições de viagem e os relatos de prisão tão eficazes na sobriedade exemplar dela e na justa graduação dos seus recursos.

Publicando finalmente o **Sexto dia**, e

quinto volume da série, a nova unidade de conjunto obtida requer um reajustamento da leitura dos volumes anteriores, nomeadamente daqueles de que tenho vindo a falar.

A grande dicotomia a fazer em tal leitura poderá ocorrer, e a vários títulos, entre os volumes correspondentes aos cinco primeiros dias e este agora publicado. Porque assim teremos, em cada um dos lados, sensivelmente metade **del cammin di nostra vita**; e porque os cinco primeiros dias correspondem essencialmente ao que poderemos chamar **anos de aprendizagem**, enquanto o sexto corresponde antes ao que poderemos chamar **anos de peregrinação**: com efeito, as jornadas empreendidas na primeira parte são todas de aprendizagem (da luta pela vida, da profissão, da arte), travessias de lugares de contradição e de conflito em que se forjam e temperam a índole do herói, a sua consciência ética e a sua capacidade criadora.

Clara Rocha chama a atenção para uma peculiar dialéctica do espaço na primeira parte a que me refiro: um movimento contrabalançado de progressão e regressão; de facto, nesse movimento, as sucessivas referências a Agarez alternam com diástoles de que os expoentes máximos são o Brasil (segundo dia) e a Europa (quarto dia); mas Agarez deixa progressivamente de funcionar como espaço propriamente dito para se ir tornando num lugar simbólico ilimitadamente expansivo (mais ainda no **Sexto dia**, aliás), transformando-se qualitativamente num foco de irradiação de valores positivos, à medida que o espaço converge para o que é a sistole funcionalmente mais importante da primeira parte: a redução de todos os espaços físicos e da experiência neles acumulada à área da clausura, aprendizagem limite e também lugar onde é posta à prova toda a aprendizagem anterior.

Assim, enquanto os cinco primeiros dias correspondem predominantemente a um **tempo de espaços**, o último corresponde sobretudo a um **espaço de tempo**. E se aqui encontramos, como em certas formas musicais, uma reexposição dos espaços de aprendizagem pela recapitulação deles (a Europa, o Brasil), temos também um outro tipo de expansão peregrinante, entre o concreto e o mítico: do espaço doméstico, para o do país, e também o da Europa, o do Brasil, o da África de presença portuguesa. É sintomática a simetria na charneira das duas partes: no fim da primeira, os espaços sucessivamente percorridos desembocam no da prisão; no princípio da segunda, parte-se de uma área também fisicamente exígua, mas **voluntária e livremente ocupada**, a do novo lar, para uma **peregrinação**, visita votiva e simbólica dos lugares de aprendizagem, sofrimento e grandeza do herói, enquanto ele mesmo e **também enquanto símbolo de uma identificação assumida com o seu país**; alguns desses lugares são colocados **em abismo**: bom exemplo de todas estas tensões (e um achado também) é esta cena no Rio de Janeiro; e **na casa de Trás-os-Montes estendi figuradamente no soalho da sala o mapa da província e pus a mourejar cada ouvinte na sua terra natal** (p. 115). Entretanto, a jornada de aprendizagem transferiu-se para os outros, nomeadamente para outra geração: e temos o consultório (outra área restrita, mas de potencialidades expansivas) centro de convívio e de conspiração. A passagem do tempo ganha corpo, no contraponto do acontecer histórico-político e do encerramento de algumas vidas importantes e próximas (os pais, os amigos): o espaço de tempo tornou-se o da morte, o do **relâmpago negro** (p. 95) que nos atravessa, lá onde o futuro é deixado aos outros e a única perenidade reconhecida é a arte.

Torga e a perenidade da escrita

Carlos Reis

1. Confrontado com os anteriores volumes já publicados, «O Sexto Dia» d' **A Criação do Mundo** revela-nos, desde logo, uma característica de certo relevo: ele é, de todos, aquele que abrange um lapso temporal mais alargado, o que o obriga a adoptar um ritmo discursivo em que os movimentos elípticos e de síntese temporal ocorrem com certa frequência. Certamente por isso, «O Sexto Dia» acentua consideravelmente uma tendência já esboçada sobretudo ao longo do «Quinto Dia»: o pendor reflexivo que muitas vezes faz dos episódios narrados quase só um pretexto para projectar no texto uma visão do mundo laboriosamente arquitectada e depurada ao longo de mais de cinquenta anos de produção literária.

2. De certo modo, as palavras que abrem este volume podem ser entendidas como tentativa de definição de um estatuto existencial indelevelmente marcado pelas imposições da criação artística: «Altas e de largas vidraças, as janelas do novo consultório eram dois grandes olhos abertos sobre a pequena praceta ajardinada a que o bronze de uma estátua dava não sei que imobilidade metálica» (p. 9). Colocado, pois, num espaço privilegiado de observação, o escritor tem a noção de que o estatuto perfilhado se encontra condicionado sobretudo por dois factores: por um lado, o exterior observado sê-lo-á constantemente a partir de um interior povoado por emoções irrefreáveis, por outro lado, a esta relação com o mundo não poderá ser alheia a consciência de uma dualidade que atravessa toda a obra literária torquiana, dualidade neste caso reflectida na metamorfose de janelas de um consultório em grandes olhos abertos sobre o mundo. Porque médico e artista teimam em coexistir numa mesma pessoa, entretanto e desde sempre dilacerada pela impossibilidade de resolver pacífica e racionalmente o tormento da dualidade (recordemos a estrofe final de «Emparedamento», em **Orfeu rebelde**: «Assim me desespero e me consumo, / E cumprio este destino tumular/De não sair de mim, por mais que faça. / A golpes de paixão, tento passar;/Mas rasgo a carne, e o lutador não passa»).

É, pois, à luz destes condicionamentos que «O Sexto Dia» d' **A Criação do Mundo** cumpre a etapa final de um testemunho polifacetado que, procurando abarcar nas suas páginas o histórico, o político, o social, o familiar e o artístico, acaba por subordinar a construção da narrativa àquelas que constituem os temas nucleares de toda a produção literária torquiana: a rebeldia, a procura da autenticidade, a fugacidade do tempo e sobretudo a obsessão da morte cruzada com as exigências e com os mistérios da criação artística.

3. Também no que toca à interacção dos dois domínios temáticos invocados, as reflexões contidas no último volume d' **A Criação do Mundo** não escapam à preocupação da dualidade: «Escrevia para a hora que passava, para o meu tempo. Se a posteridade mais tarde se reconhecesse naquelas páginas, tanto melhor» (p. 38). O escritor que se exprime nestes termos é, antes de mais, uma entidade cuja escrita decorre do primado do impulsivo e do emocional sobre o racional; questão diversas vezes aflorada pelo próprio Torga em textos anteriores, ela tem muito que ver com uma concepção da criação literária evidentes ressonâncias românticas: quando escreve que «quem no mundo menos sabe dos mistérios da criação é o próprio artista» (**Diário IV**); quando refere a obra produzida como «páginas e páginas que aqueci com a paixão» (**Diário VI**); quando compara a gestão do poema com a «imprevisibilidade do minério arrancado às trevas da mina» (**Diário XII**), o escritor afirma, de forma velada, uma concepção expressiva e espontaneísta da criação literária, para mais combinada com (e dependente de) uma inequívoca vinculação a um estatuto ético em que o poeta surge como um ser a um tempo excepcional, orgulhosamente isolado e por natureza propenso à derrogação de normas de comportamento social e artístico. Presente de forma constante nas preocupações do escritor (foi para o ilustrar que deliberadamente citámos diversas passagens do **Diário**), a obsessão com o instante que passa reflecte-se também naquelas que nos parecem ser as fundamentais opções de género concretizadas por Torga: a poesia lírica, o diário e o conto, isto é, formas literárias em que o impulso criativo e a emoção se conjugam estreitamente, interditando soluções discursivas (do tipo, por exemplo, do romance) cuja am-



O espaço autobiográfico de Miguel Torga passa também por esta fotografia inédita: António de Sousa, Alberto Martins de Carvalho e o poeta, em 1946, no Jardim da Palmeira, em Coimbra

plidão sintagmática exigiria o desvanecimento do calor da paixão a que o escritor se refere.

Não é por acaso que, no «Sexto Dia» d' **A Criação do Mundo**, Torga vem confirmar estas dominantes, concretizadas e difusamente confessadas em obras anteriores: «A arte fazia o milagre de evidenciar a especificidade de cada hora. A narrativa tensa [leia-se: o conto], o poema lírico ou a nota amarga [entenda-se: a escrita do diário] testemunhavam como que graficamente as reacções do espírito aos estímulos do momento» (p. 79). É por isso que uma das linhas de força deste volume é ainda (e talvez de forma mais fundamentada do que nunca) a afirmação de uma peculiar relação do sujeito com o mundo cuja modulação literária encerra a originalidade irrepitível que o momento de vivência gerou. Por isso, as traduções aparecem ao escritor como meras tentativas de reprodução de uma vigorosa carga emocional, mas incapazes, no entanto, de fazerem reviver a intensidade do instante da criação: «Era como se cada palavra tivesse sido despojada da sua carga semântica e a coesão do texto alterada por um factor de emoções já vividas: «Em vão. Faltava não sei que mistério àquelas morros cobertos de verdura. Os olhos actuais viam-nos com a transparência de um cristal, numa paz de reencontro» (p. 109).

4. Esta indestrutível vinculação do sujeito artístico ao instante que vive confronta-se, entretanto, com uma tendência que de certo modo pode ser entendida como antagónica, assim se gerando a dualidade a que acima nos referimos. Com efeito, a escrita torquiana não pode morrer com o momento que testemunha, porque ela corresponde também a um desejo de perenidade que algo tem que ver com a criação de uma identidade artística (Miguel Torga destinada a superar o carácter perecível e transitório da identidade civil (Adolfo Rocha). Um desejo de perenidade que, note-se bem, surge legitimado pela orgulhosa convicção de que a criação artística se nutre de uma ancestralidade que nenhuma outra manifestação humana possui; daí que o escritor se sinta autorizado a produzir afirmações que só essa ancestralidade consente: « — Pois sabia que o rude troglodita que [...] desenhou o primeiro bisonte foi o meu primeiro antepassado. E que todos os artistas que se lhe seguiram, Homero, Fídias, Dante, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Cervantes, Camões, Bach, são meus ascendentes em linha recta» (p. 69).

Ora é justamente neste contexto que se nos revela o que há de pertinente na associação da temática da criação artística com a da morte; e é também neste âmbito que este «Sexto Dia» surge como etapa culminante (e por isso mesmo marcada pelo timbre da excepção) de toda **A Criação do Mundo**. Com efeito, tudo indica que, com «O Sexto Dia», o escritor atingiu não apenas a clarividência, mas sobretudo a capacidade de encarar frontalmente uma certeza que desde sempre o atormentava: arbitrariedade» (pp. 76-77); por isso também,

no regresso ao Brasil de balde se procuram «Desde menino que tinha da vida um sentido agónico, cada dia, cada hora, cada minuto à espera da morte. Mil razões, até de natureza fisiológica, justificavam esse sentimento quotidiano. Mas diante das grandes ruínas é que via claramente como eram vãos os sonhos de qualquer perenidade. Apesar de tudo, tirava da peregrinação um ensinamento: embora precária, só a arte valia realmente a pena. As instituições passavam, os impérios ruíam, e apenas ela durava, senão no seu esplendor original, ao menos amparada, remendada, copiada pela devoção dos homens. Se uma geração a esquecia, maltratava ou desprezava, logo outra lhe acudia com fervor redobrado» (p. 72);

Porquê, então, neste instante cupular (note-se que, fragmentando **A Criação do Mundo** em dias sucessivos, o escritor instaura ainda o primado do momento, num arremedo de grande diário inspirado no modelo bíblico, inviável numa autobiografia convencional), uma reflexão em que a agonia da morte parece temperada por uma aceitação tranqüila da sua inevitabilidade? Precisamente porque, com «O Sexto Dia», dá-se por concluída uma missão: não propriamente (ou, se se preferir, não apenas) a que se traduz na escrita autobiográfica vigente em toda **A Criação do Mundo**, mas sobretudo a que consistiu numa sucessão de momentos em busca da eternidade: os instantes da inspiração lírica, da notação diarística e do relato de dimensão fabular ou parabólica. E com esses instantes, agora contemplados com a serenidade que só a perspectiva do descanso consente, foi-se operando uma espécie de lenta e paciente sedimentação artística cuja perenidade aspira a superar a ameaça física da morte; momento e eterno tendem, deste modo, a uma conciliação que torna irrelevante a questão de se saber se a este dia se seguirá um sétimo. Mais importante do que isso, é considerar que, para o escritor, o seu tempo (ou seja, o tempo em que a devoção à causa artística foi uma constante) «estava realmente cumprido» (p. 196), restando-lhe «de ora em diante, como lenitivo, só o cilício cruciante da meditação» (p. 198): cilício sobretudo porque a meditação implica o silêncio e, com ele, a mudez criativa que a um sujeito artístico só pode causar sofrimento. E nem a amarga verificação de que algo ficara por desvelar («Algo que era o mistério da minha própria identidade e que nunca se deixara revelar nem no silêncio nem no eco das palavras»; p. 197) faz perigar a virtual carga de perenidade da escrita longamente elaborada num passado que «O Sexto Dia» encerra; justamente porque é o que ela oculta ou apenas difusamente enuncia que assegura o fascínio de uma decifração que permanecerá para além da morte do autor da escrita e do silêncio que o dia do repouso naturalmente reserva. ■

A criação do mundo (o sexto dia)
Miguel Torga
Ed. do autor
150\$00



Coimbra e o seu quotidiano estão bem presentes no «Sexto Dia» de **A Criação do Mundo**. Na foto, vemos o poeta à saída do seu (de Adolfo Rocha...) consultório, no Largo da Portagem